

O VERBO LEVE TER: TRÊS PERSPECTIVAS, TRÊS LÉXICOS.

Danilo Bonetti Soto

Universidade Federal de São Paulo

E-mail: daniloosho@hotmail.com

Resumo

Neste artigo, faremos um estudo das construções com o verbo leve *ter*, especificamente nas sentenças possessivas, existenciais e naquelas em que participa como um verbo auxiliar. Partindo dos pressupostos teóricos desenvolvidos dentro do Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995, 2001), buscamos analisar essas construções por meio dos trabalhos de Viotti (2001, 2003) e Avelar (2004), Avelar e Callou (2007) Lunguinho (2011); os quais, se embasam, respectivamente, no Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995, 2001); Teoria de Predicação (cf. FRANCHI, 1997) e do Léxico Gerativo (cf. PUSTEJOVSKY, 1995); Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Partindo desses estudos, mostraremos que essas diferentes abordagens se apoiam em modelos lexicais distintos e, o que permite essas análises distintas para o mesmo fenômeno é esse tratamento diversificado ao Léxico.

Palavra-chave: verbo leve; verbo ter; léxico; Programa Minimalista.

Abstract

In this paper, we do a study of the buildings with the light verb *ter*, specifically on possessive and existential sentences and those in which it participates as an auxiliary verb. Based on the theoretical assumptions developed within the Minimalist Program (cf. Chomsky 1995, 2001), we analyze these constructions through the work of Viotti (2001, 2003) and Avelar (2004), and Callou Avelar (2007) Lunguinho (2011); which are based respectively on Minimal program (cf. Chomsky 1995, 2001); Predication Theory (cf. FRANCHI, 1997) and the Generative Lexicon (cf. Pustejovsky, 1995); Distributed morphology (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Through these studies, we show that these different approaches rely on different lexical models, and discuss how the verb *ter* is treated by these different perspectives on the Lexicon.

Keywords: light verb, verb have, Lexicon, Minimalist Program.

Introdução

Estudos na área da teoria gerativa têm mostrado que o verbo *ter* é um verbo que pode assumir uma gama de significados e apresentar construções sintáticas diversas. Viotti (1999) mostra que o verbo *ter* aparece numa variedade de sentenças diferentes, tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista sintático, e que independentemente das interpretações que as sentenças possam assumir (posse, experiência, locação, etc.) ou de sua realização sintática

(verbo de posse, verbo existencial, verbo auxiliar), existe apenas uma entrada lexical para *ter*. Seguem algumas construções¹.

- (1) Joana tem um carro novinho em folha (posse alienável)
- (2) O Pedro tem cabelo castanho escuro (posse inalienável)
- (3) Paula tinha dores de cabeça terríveis (experiência)
- (4) Aquela caixa tem todos os documentos de casa (locação)

- (5) A Susana gosta de ter os filhos sempre debaixo de suas asas. (controle do sujeito)
- (6) A Júlia tem participado de todos os congressos. (verbo auxiliar)
- (7) Tinha muita gente na festa (sentença existencial)

Na tentativa de entender essas construções de que *ter* participa e os possíveis significados que assume, linguistas o tem estudado a partir de âmbitos teóricos diversos. Tais linguistas atribuem as diferenças sintáticas e semânticas, que tal verbo apresenta, a fatores distintos. Lions (1968 apud AVELAR, 004) foi o primeiro a tentar elaborar um mesmo paradigma derivacional para as sentenças possessivas, existenciais e locativas. Dentro desta mesma proposta, temos os trabalhos de Kayne (1993 apud AVELAR, 2004) fazendo uma análise do *have* do inglês. Esse autor propõe que *have* seria um *be* transformado. Viotti (1999, 2003), por sua vez, atribuirá essas diferenças de *ter* a fatores semânticos e lexicais. Em contrapartida, temos os trabalhos de Lunguinho (2011), que propõe que essas diferentes construções com *ter*, em destaque as construções em que ele participa como verbo auxiliar, são motivadas por um conjunto de traços formais combinados a este verbo auxiliar.

Com base nesses estudos, podemos perguntar se há algo em comum que rege essas diferentes análises e, em caso positivo, se esses estudos dão conta de descrever e explicar essas construções de que *ter* participa e as acepções que assume.

Neste artigo, analisaremos alguns desses trabalhos, especificamente, aqueles que se baseiam total ou parcialmente no Programa Minimalista (PM) de Chomsky (1995, 2001), em destaque os trabalhos de Viotti (1999, 2003), Avelar (2004, 2007) e Lunguinho (2011).

Viotti (1999, 2003) analisa os fenômenos ligados ao verbo *ter*, seguindo a proposta do PM (CHOMSKY, 1995), mas estende seus estudos para uma teoria do léxico, denominada Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1995); e uma teoria semântica, a Teoria de Predicação

¹ Essas construções foram retiradas de Viotti (2003)

(FRANCHI, 1997). Lunguinho (2011) faz um estudo do verbo *ter* nas construções em que aparece como verbo auxiliar, mais especificamente, nas passivas não-canônicas e nas construções do perfeito, com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986) em sua versão Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2001). Já Avelar (2004) assume os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), no entanto, apoia-se em uma visão não-lexicalista (HARLEY & NOYER, 2003), dentro do modelo da Morfologia Distribuída (MD) (MARANTZ, 1997). Em seu trabalho, Avelar analisa as construções possessivas, copulativas e existenciais. Entretanto, debruçar-nos-emos apenas sobre as construções possessivas e existências.

Partindo dessas propostas, mostraremos como o léxico se apresenta em semelhante panorama teórico, e qual o papel assumido nas três análises. Neste artigo, parte-se da hipótese de que o que determina essas diferentes análises é o valor que cada teoria atribui ao léxico.

1. O verbo leve *ter*

Estudos diacrônicos sobre a natureza do verbo *ter* têm mostrado que esse verbo passou por um processo de gramaticalização², no qual, foi, gradativamente, tornando-se um verbo semanticamente vazio. Viotti (1998) destaca que o verbo *tenere*, no latim pós-clássico, era um verbo transitivo-ativo e que tinha um significado próximo ao de manter/obter. No decorrer desse percurso histórico, *tenere* também começaria a ser usado nas expressões de posse, preferencialmente nas expressões agentivas e de causa. Quando esse verbo começa a exprimir posse, ele também começa a ser empregado nas perífrases aspectuais de aoristo. Em seu estudo, Viotti (1998) observa que o verbo *ter* entra no português com sua estrutura argumental e temática enfraquecida, podendo ser empregado em contextos predicativos diversos (*idem* exemplos 1-7).

Para Viotti, o verbo *ter* havia entrado no português como um verbo leve, “um verbo incompleto do ponto de vista temático, esvaziado de seu valor predicativo, um mero portador de dêixis e quantificação” (VIOTTI, 2004, p. 221).

Scher (2004) mostra que o termo *verbo leve* (do inglês *light verbs*) foi introduzido na literatura linguística por Jespersen (1949) e que se remetia a uma tendência do inglês moderno de fazer uso de verbos semanticamente vazios, aos quais se associavam apenas marcas de tempo

²Segundo Roberts (1992 apud Viotti 1998) gramaticalização é o processo no qual um elemento lexical se transforma em elemento gramatical. Para Viotti (1998), a gramaticalização ocorre quando um item lexical pleno semanticamente se esvazia de seu conteúdo semântico, perdendo sua capacidade predicativa.

e pessoa. Em seu estudo, a autora destaca que essa tendência não se limitava apenas ao inglês moderno e que também foi possível observá-la em outras línguas naturais como o japonês, coreano, mandarim, persa, italiano, etc.

A mesma Scher observa que alguns trabalhos atribuem a interpretação do conjunto formado a um elemento associado ao verbo leve. Dentre esses trabalhos, ela destaca o de Campbell (1989), segundo o qual os verbos leves impõem uma restrição categorial a seus argumentos, mas sem lhes atribuir os papéis temáticos; o de Butt (1995) e Samek-Lodovici (2003), que afirmam que esses verbos têm uma estrutura argumental incompleta e, por último, Grimshaw & Mester (1988), que defendem que esse verbo tem uma estrutura argumental vazia, esta atribuída pelo predicado nominal presente nessas construções.

Viotti (1999) ressalta que é justamente por *ter* ser um verbo leve que participa de uma variedade de construções diferentes e assume uma gama de significados. No entanto, embora esse seja um dos motivos apontados por Viotti para explicar tais fenômenos, a leveza desse verbo não seria suficiente para explicar todas essas construções.

A polissemia³ apresentada pelo verbo *ter*, de um lado, e a variedade de sentenças de que participa, de outro, levantou a questão central desse trabalho: se é o mesmo verbo que participa de todas essas sentenças, o que motiva essas diferentes construções e sentidos que assume? Isto é, qual é a natureza desse verbo?

Se direcionarmos essa questão para as propostas teóricas apresentadas nesse trabalho, podemos, talvez, atribuir essa motivação à forma que cada teoria e autor conceitua o léxico. Viotti (1999, 2003) estenderá seus trabalhos para uma teoria do léxico e uma teoria semântica, nos convidando a olhar para a relação sintaxe- semântica. Lunguinho (2011), embasado no PM, adota um modelo lexicalista, ainda que esse não seja tão estruturado quanto o adotado por Viotti. Avelar, por sua vez, adota um modelo não-lexicalista, tomando o arcabouço teórico da MD, que não prevê a existência de um léxico pré-sintático, e chama-nos a atenção para a relação entre a sintaxe e morfologia.

2. Uma abordagem composicional

O primeiro trabalho que apresentamos é o de Viotti (1999). Seu estudo se insere, em grande parte, dentro da teoria gerativa de Chomsky, seguindo propostas teóricas e técnicas do PM (CHOMSKY, 1995). No entanto, ainda que inserida no PM, a autora avança seus estudos

³ Termo adotado por Viotti (2003), pois ela assume que é o mesmo verbo *ter* que participa de todas as sentenças listas em (1)

para um modelo composicional⁴, concebendo, em seu estudo, um sistema de semântica lexical, conhecido como Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1995) e uma teoria semântica, a Teoria de Predicação (FRANCHI, 1997 a).

O PM tem como um dos seus objetivos o enxugamento da sintaxe. Esse modelo prevê que ao longo da sintaxe apenas traços formais (os traços categoriais, os traços F e os traços de Caso) entrariam na computação. Neste sentido, as relações semânticas e temáticas não seriam checadas na sintaxe, mas sim em outro componente independente dela, no caso, o componente semântico.

Seguindo a proposta de Franchi (1997a) e (1997b), Viotti propõe que exista uma operação semântica semelhante à operação sintática de *merge*, a qual concatena objetos sintáticos simples formando objeto sintáticos complexos. Essa relação semântica é o que controla a predicação⁵. A autora também assume o princípio de composicionalidade de Frege (1978), segundo o qual os efeitos de sentidos derivam dessa relação predicativa.

Para Viotti, a polissemia que se observa nas várias sentenças com o verbo *ter* justifica-se por se tratar de um verbo leve, e dos itens lexicais que compõem as sentenças entrarem em composição, atribuindo sentido para esse verbo.

Para explicar essa composicionalidade, a linguista se debruça sobre a proposta de Pustejovsky (1995) que propõe um modelo semântico lexical, conhecido como léxico gerativo. Esse modelo prevê um léxico estruturado, no qual os itens lexicais são decompostos em formas estruturadas (ou moldes), e não em traços. O léxico gerativo de Pustejovsky é tido como um sistema computacional composto por níveis de representações: estrutura argumental, estrutura de evento e uma estrutura *Qualia*⁶. Consideremos uma sentença em (8), já analisada por meio dos modelos adotados:

(8) A editora tinha livros de linguística⁷

Analisando a sentença acima, primeiramente, podemos identificar dois significados, os quais podem ser descritos como “posse alienável” e “publicar”. Essa sentença tem dois argumentos: um argumento externo “A editora” e um argumento interno “livros de linguística”.

⁴ Frege (1978 apud Viotti, 1999) prevê um princípio de composicionalidade, no qual os efeitos de sentidos dependem das relações estabelecidas entre os itens lexicais.

⁵ Para Franchi (1997a e 1997b apud Viotti, 1999) “predicação é um conceito do componente semântico, uma relação de sentido que se estabelece entre as expressões linguísticas.”

⁶ Segundo Viotti (2004), *qualia* é a estrutura na qual se expressam as relações entre os argumentos de um predicado e seus sub-eventos.

⁷ Esse exemplo foi adaptado de Viotti (2004)

Tais argumentos poderiam significar, respectivamente, local físico ou organização; e objeto físico ou informação. Cada um desses argumentos estabeleceu sua própria estrutura *qualia*. O sentido de posse alienável é dado pela composição do *quale constitutivo*⁸ de “A editora”, (local físico) e um do *quale constitutivo* “livros de linguística” (objeto físico). Para esse sentido seus sub-eventos serão interpretados, simultaneamente, como estado. O sentido de publicar é dado pelo *quale télico*⁹ e pelo *quale agentivo*¹⁰. Neste caso, o primeiro sub-evento é tido como processo e está ligado ao argumento (sujeito) “aquela editora” (organização) pelo *quale agentivo*. O segundo sub-evento de publicar é tido como estado resultante e está ligado ao argumento (objeto) “livros de linguística” (informação, conteúdo) pelo *quale formal*.

Como pode ser observado acima, numa sentença com o verbo *ter* - sendo ele um verbo leve, vazio de conteúdo semântico – os possíveis sentidos dessa sentença dependeriam das relações entre as outras estruturas *qualia* dos constituintes da sentença. Em outras palavras, o sentido de um item lexical depende, em grande medida, dos sentidos dos outros itens lexicais

Essas duas abordagens adotadas por Viotti mostram que a autora optou por analisar o fenômeno por um viés semântico-lexical, o qual prevê um léxico totalmente estruturado, que através de um processo de composição de sentido entre os itens lexicais que compõem a sentença, é capaz de formar unidades de sentidos ainda maiores. No caso do verbo *ter*, essa abordagem, seria um dos caminhos para explicar a polissemia apresentada por ele, e a variedade de construções de que participa.

3. Uma abordagem lexicalista

O trabalho de Lunguinho (2011) está embasado na teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981, 1986; CHOMSKY & LASNIK 1993), em sua versão minimalista (CHOMSKY 1993, 1995 e trabalhos posteriores). Lunguinho faz um estudo sobre os verbos auxiliares do Português Brasileiro (PB). Contudo, neste trabalho, tomaremos apenas o verbo auxiliar *ter*, especificamente nas passivas adversativas e nas construções do Perfeito.

O estudo de Lunguinho, ao contrário de Viotti (1999, 2003), que avança seus estudos para uma teoria do léxico e uma teoria semântica, segue, prioritariamente, a literatura minimalista.

⁸ *Quale constitutivo* estabelece uma relação de parte todo entre o objeto sua parte constitutiva.

⁹ “*Quale télico*: o objetivo e a função do objeto.” (VIOTTI, 2003)

¹⁰ “*Quale agentivo*: fatores envolvidos na origem do objeto--fatores que dizem como esse objeto apareceu, nasceu, foi construído, etc” (VIOTTI, 2003)

O PM, como já foi dito anteriormente, propõe um enxugamento da sintaxe e prevê que ao longo da computação sintática apenas traços formais fossem checados pela sintaxe. Kenedy (2012), seguindo as propostas do PM, nos mostra que o léxico é composto por traços fonológicos, traços semânticos e traços formais.

Lunguinho (2011), seguindo os trabalhos de Kelly (2006), Roberts e Birerauer (2008, 2010), observa que na estrutura morfológica do verbo auxiliar consta um traço [uV] não-interpretável. A presença desse traço em sua estrutura faz com que ele se combine com outro verbo capaz de checar esse traço. Chomsky (1995b) descreve o verbo auxiliar como um verbo gramatical sem nenhum conteúdo semântico. Esses verbos não trariam nenhuma informação para sentença, pois seriam meros portadores de tempo, modo, número e pessoa. Deste modo, esses verbos não contribuem com nenhum traço semântico para a computação. Os traços semânticos presentes nas construções de que participa seriam dados pelo outro componente verbal, com o qual se combina.

Em sua tese, o autor nos apresenta duas construções em que o verbo auxiliar *ter* aparece: 9) as passivas adversativas ou passivas não canônicas¹¹ e 10) o verbo auxiliar *ter* nas construções do perfeito.

Nas passivas não canônicas, o linguista assume a hipótese de que o verbo *ter* empregado resulta da combinação dos traços associados ao auxiliar *ser* com o núcleo funcional *v** presente nessas passivas. Em 8), temos um exemplo dessa passiva:

(9) A menina teve a vida salva pelo bombeiro.¹²

Nas construções do perfeito, ele nos mostra que o verbo auxiliar perfectivo *ter* é resultado de uma incorporação de um verbo auxiliar abstrato [vaux] com os traços [Pdepois] de uma preposição abstrata. Essa preposição é que confere ao auxiliar *ter* o sentido de passado. Em (9), temos uma sentença com esse auxiliar perfectivo:

(10) A Maria tinha lido o livro.

Essas duas sentenças apresentadas, ainda que pareçam distintas, são motivadas por um mesmo fenômeno que é a incorporação de traços dentro do sistema computacional. A realização sintática do verbo *ter* vai depender do conjunto de traços que é combinado no sistema

¹¹ Termo usado por Lunguinho (2011) para descrever essas passivas.

¹² Os exemplos 8 e 9 foram retirados de Lunguinho (2011)

computacional. Ainda que os paradigmas morfológicos das construções do perfeito e da passiva não-canônica tenham a mesma matriz fonológica, são verbos com estruturas diferentes. Essas construções podem ser observadas abaixo:

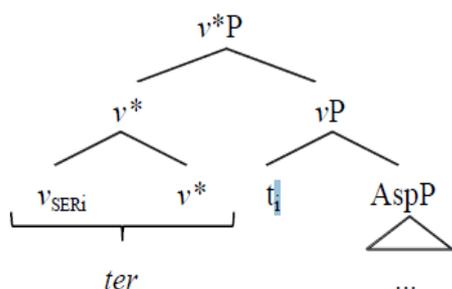


Figura 1: Auxiliar perfectivo

Fonte: Lunguinho (2011)

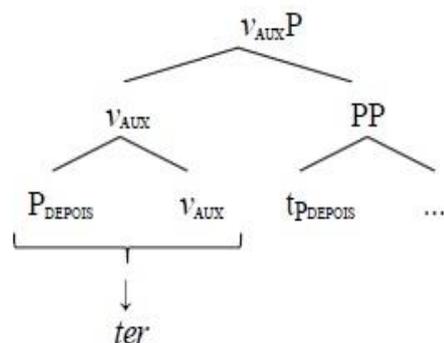


Figura 2: Passiva não-canônica

Fonte: Lunguinho (2011)

Nas estruturas acima, podemos observar que ambas são formadas pelo verbo auxiliar *ter*; contudo, deve-se notar que cada construção é determinada pela combinação de traços formais específicos. No primeiro caso, *ter* na passiva-canônica resulta da combinação dos traços associados ao auxiliar *ser* com o núcleo funcional v^* . No segundo caso, *ter* é resultado de uma incorporação de um verbo auxiliar abstrato [v_{aux}] com os traços [P_{depois}] de uma preposição abstrata.

Kaine (1993 apud Lunguinho 2011), em seu estudo sobre o verbo *have* do inglês, argumenta que o verbo *have* em seu uso possessivo e auxiliar, não existe no léxico como primitivo. Para o autor, esses usos são ativados na computação sintática quando se combinam com núcleos que contenham traços específicos. Para Lunguinho, é justamente a incorporação de traços formais pelo sistema computacional que vai possibilitar a realização de *ter* como verbo auxiliar. Nesse sentido, podemos concluir que é a combinação de traços formais específicos que determinará o tipo de construção de que *ter* participa.

4. Uma abordagem derivacional não-lexicalista

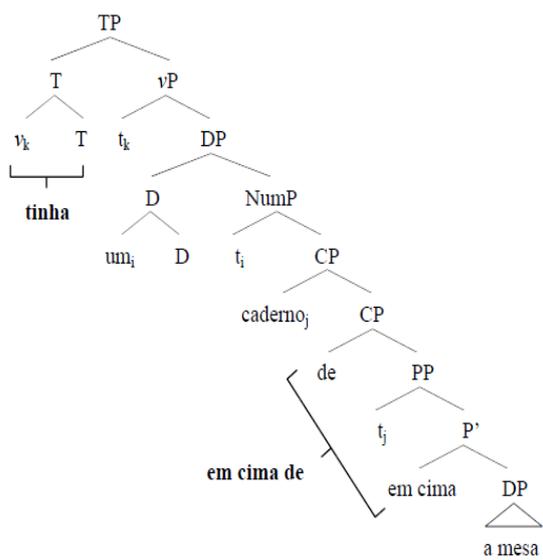
O estudo de Avelar (2004) assume os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros, em sua versão minimalista (Chomsky 1995) e também do arcabouço teórico da MD (Halle & Marantz, 1993). Avelar concentra sua análise nas sentenças copulativas, possessivas e existenciais do PB. Nosso interesse, aqui, recairá sobre sua análise das sentenças possessivas e existenciais construídas com o verbo *ter*.

O autor, ao contrário de Viotti (1999) e Lunguinho (2011), que adotam um modelo lexicalista, adota uma visão não-lexicalista (cf. HARLEY & NOYER, 2003). Essa visão opõe-se à visão lexicalista, a qual dispõe de um léxico que porta traços semânticos, formais e fonológicos. A MD, por sua vez, adota um inventário de traços abstratos acompanhados de categorias abstratas que serão verificados pela sintaxe.

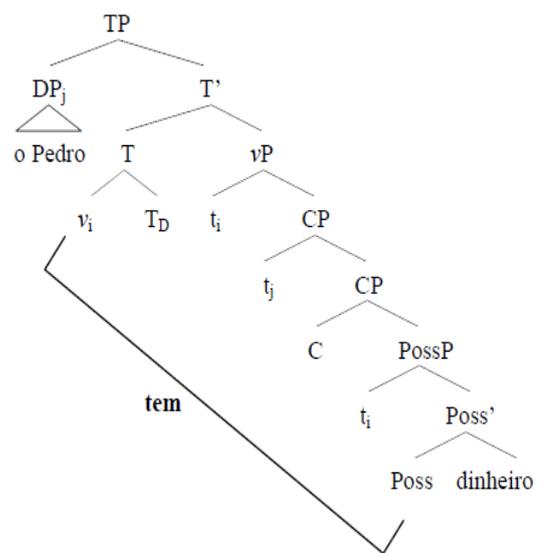
O modelo teórico da MD (HALLE & MARANTZ, 1993) propõe que ao longo da computação sintática, apenas traços formais sejam manipulados pelo sistema computacional. Sob essa perspectiva, a matriz fonológica será inserida apenas na interface fonológica, após a computação sintática.

Avelar, seguindo as ideias de Lion (2003)¹³, defende a hipótese de que esses três tipos sentenciais (existenciais, possessivas e copulativas) podem ser teoricamente descritos a partir de operações realizadas sobre a mesma base estrutural, no caso, a mesma base que forma uma sentença existencial. Em outras palavras, a proposta de Avelar pressupõe uma base existencial que se combinaria com traços abstratos, através de operações morfossintáticas. No caso das sentenças possessivas, por exemplo, a preposição abstrata *poss* se amalgama ao complexo $[v+T+D]$ para realizar o verbo possessivo. Abaixo, temos em (11) uma construção existencial e em (12) uma possessiva¹⁴:

(11) Tinha um caderno em cima da mesa



(12) Pedro tem dinheiro



¹³ Lion (2003 apud Avelar 2004) propõe uma mesma base derivacional para as construções possessivas existenciais e locativas.

¹⁴ As construções (10) e (11) foram retiradas de Avelar (2004).

Para delimitar a natureza desses traços, Avelar filia-se a ideia de Viotti (1999), segundo a qual os traços D-forte em T no português são opcionais. No exemplo (6), podemos observar que o traço $v+T$ sem D , conduz à entrada vocabular de *ter* existencial. Em (7), pode-se notar que na formação de uma sentença possessiva, o complexo $v+TD$ se amalgama ao traço abstrato *Poss*, ativando a entrada vocabular do *ter* possessivo.

Portanto, na proposta de Avelar, a realização morfológica de *ter* possessivo vai depender da combinação dos traços com a estrutura do verbo existencial. A entrada vocabular, por sua vez, só será ativada na interface fonológica, após a computação sintática.

5. Conclusão

Neste artigo, mostramos alguns estudos sobre o verbo leve *ter*. Embasados nos pressupostos do Programa Minimalista, exploramos três trabalhos que se baseiam neste programa, mas que partem de perspectivas e abordagens distintas para o mesmo problema. O trabalho de Viotti (1999) analisa o fenômeno por um viés semântico-lexical, trazendo uma abordagem composicional. Lunguinho (2011) embasado em um modelo lexicalista, mostra que as diferentes construções de que *ter* participa e sentidos que assume depende do conjunto de traços formais incorporados ao sistema composicional. Os trabalhos de Avelar (2004) trazem para o estudo uma abordagem não-lexicalista. Para Avelar, ao contrário das análises anteriores, que pressupõem, respectivamente um léxico estruturado, ou um léxico com traços semânticos, formais e fonológicos, sua abordagem prevê apenas uma lista com traços morfossintáticos. Neste estudo, o linguista propõe um abordagem derivacionista, postulando, assim, uma mesma base derivacional para as sentenças possessivas e existenciais. Em tal quadro teórico, a matriz fonológica só será ativada na interface fonológica, após a computação sintática.

Com base nesses estudos, podemos observar que cada autor atribui um valor específico ao léxico. Os trabalhos foram apresentados de modo decrescente quanto a esses valores. Podemos observar o esvaziamento do léxico, que se inicia com um léxico gerativo, passando pra um léxico como conjunto de traços e culminando em um modelo não-lexicalista. Em Viotti (2003), temos um léxico gerativo, estruturado; em Lunguinho (2011), um léxico portador de traços formais, semânticos e fonológicos; finalmente, em Avelar (2004), patenteia-se apenas um inventário de traços abstratos. Em conclusão, defendemos que o papel do léxico em cada trabalho é fundamental, e que, talvez, seja esse tratamento diversificado que possibilite essas diferentes análises.

Referências Bibliográficas.

- ADGER, David. 2003. *Core syntax: A minimalist approach* (Core Linguistics). Oxford: Oxford University Press.
- AVELAR, Juanito. 2004. Dinâmicas morfológicas com ter, ser e estar em português Brasileiro. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- BUTT, M. 1995. *The Structure of Complex Predicates*. Stanford: CSLI Publications
- CAMPBELL, R. G. 1989 *The Grammatical Structure of Verbal Predicates*, tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA.
- CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding: the Pisa Lectures*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- CHOMSKY, Noam. 1986. *Knowledge of language, its nature, acquisition and us*. Nova York: Praeger.
- CHOMSKY, N. 1993. 'A Minimalist Program for Linguistic Theory.' In *The View from Building 20*. K. Hale and S.J. Keyser, eds. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. & LASNIK, Howard. 1993. The theory of principles and parameters. In J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternfeld e T. Vennemann (eds.) *Syntax: an international handbook of contemporary research*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- CHOMSKY, Noam. 1995. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. 1995b. Bare phrase structure. In *Government and Binding Theory and the Minimalist Program: Principles and Parameters in Syntactic Theory*, ed. G. Webelhuth, 383–439. Cambridge, MA: Blackwell.
- CHOMSKY, Noam. 2001. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: MIT, p. 1-52.
- COSTA, João. 2012. Prefácio. IN: FERRARI-NETO, J. & SILVA, C. *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, CRV, p. 7-10.
- FRANCHI, C. (1997a). "Teoria da adjunção: predicação e relações temáticas." *Seminários em Teoria Gramatical*. FFLCH/USP # 5.
- FRANCHI, C. (1997b). *Teoria da Predicação*. Ms. Unicamp/USP.
- FREGE, G. 1978. "Sobre o sentido e a referência." In *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix
- GRIMSHAW, J. & A. MESTER. 1988 "Light verbs and θ -marking", *Linguistic Inquiry* 19: 205-232.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. 1993. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.) *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176.

- HARLEY, Heidi & NOYER, Rolf. 2003. Distributed Morphology. In CHENG, Lisa & SYBESMA, Rint (orgs.). *The second Glot International*. Mouton de Gruyter.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. 1993. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In HALE, Kenneth & KEYSER, Jay. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press.
- JESPERSEN, O. 1949 *A Modern English Grammar on Historical Principles*. London: George Allen & Unwin, and Copenhagen: Ejnar Munksgaard.
- KENEDY, E. 2012 Léxico e computações lexicais. IN: FERRARI-NETO, J. & SILVA, C. *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, CRV. p. 41-69.
- LUNGUINHO, M. 2011. *Verbos Auxiliares e a Sintaxe dos Domínios não-Finitos*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MARANTZ, Alec. 1997. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225.
- PUSTEJOVSKY, J. 1995. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- SAMEK-LODOVICI, V. 2003 "The internal structure of arguments: evidence from complex predicate formation on Italian". Manuscrito a sair em *Natural Language and Linguistic Theory*.
- SCHER, Ana Paula. 2003. *Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve?* In. MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda V; FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto.
- VIOTTI, E. 1999. *A sintaxe das sentenças existenciais do Português do Brasil*. Tese de doutorado. Departamento de linguística, Universidade de São Paulo.
- VIOTTI, E. 2003. *A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter*. In. MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda V; FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto.
- VIOTTI, E. 1998. Uma História sobre "ter" e "haver". *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, (34):41-50, Jan./Jun.